

Cemoroc Clássicos

Esperança e Destino Humano

Josef Pieper¹

Resumo: Conferência filosófica clássica de Josef Pieper sobre o alcance e os pressupostos antropológicos da esperança.

Palavras Chave: esperança. antropologia filosófica. virtudes teológicas.

Abstract: Classical philosophical lecture by Josef Pieper on hope and its anthropological background.

Keywords: hope. philosophical anthropology. theological virtues.

I

Quando buscamos o sentido próprio, profundo e em relação à totalidade da existência, da atitude humana fundamental que chamamos esperança (atitude que, desde sempre no cristianismo tem sido estimada na mais alta conta de virtude), voltamo-nos para a linguagem. Pois a linguagem – a linguagem viva, essa que nós mesmos falamos e ouvimos todos os dias – encerra em si informações muito mais profundas e precisas do que o que nós comumente sabemos, do que pensamos que sabemos; se bem que, a rigor, sim o sabemos. E é, antes de mais nada, este conhecimento comum que deve ser consultado; não é de modo algum necessário recorrer a um compêndio de Filosofia ou Teologia (onde, sem dúvida, encontraríamos uma conceituação) para se obter uma definição.

Que é pois o que a linguagem viva – e, portanto, nós mesmos, que falamos e ouvimos essa linguagem – sabe sobre a esperança? Bem, dizemos, por exemplo, que *esperamos* que o inverno não venha muito cedo nem seja muito frio, *esperamos* uma boa colheita, ter saúde (ou recuperá-la), que corram bem nossos projetos nas atividades quotidianas, e assim por diante. A tais realizações dirigem-se nossas esperanças. Mas, ao mesmo tempo, sabemos muito bem que *a esperança* pode permanecer intacta, mesmo se tudo isso fracassar. E protestaríamos se alguém quisesse tachar-nos de “desesperados” só porque tivemos que renunciar a tais esperanças. A questão é: qual esperança, (ou esperança em quê?) deve alguém perder para que se possa dizer com razão que ele já não tem esperança alguma, que ele é pura e simplesmente um desesperado?

A resposta a esta questão, como é claro, será também uma informação sobre aquela outra que tínhamos colocado: o que é, no fundo, a esperança, para onde aponta e o que é que com ela se espera.

¹. Renomado filósofo, catedrático da Universidade de Münster, falecido em 06-11-97. O original encontra-se em “Glauben, Hoffen, Lieben” Freiburg: Informationszentrum Berufe der Kirche, 1981. Trad.: Jean Lauand.

Cada um espera, diríamos para começo de resposta, *sair-se bem, dar-se bem* no que se refere a si mesmo; esperar significa: aguardar um final feliz. Mas, em que podemos ver essa concepção de “final feliz” realizada e consumada? Numa velhice livre dos incômodos tormentos de uma tenebrosa decadência? Em ver os filhos criados e bem orientados espiritualmente? Em que a humanidade possa permanecer poupada à preparação do fim de sua própria existência sobre a terra, evitando uma nova guerra mundial atômica?

Todas essas, sem exceção, são certamente esperanças que apontam para metas em certa medida essenciais; que merecem ser esperadas com todas as energias de nosso ser. Mas, acaso seria o insucesso, a não-realização dessas esperanças, razão suficiente para puro e simples desespero? Ter-se-ia neste caso a esperança tornado sem sentido? Esta pergunta é uma provocação que vale a pena enfrentar.

II

Na verdade, quem pergunta pelo último fundamento da esperança do homem deve falar daquilo que o próprio homem, em última instância e definitivamente, quer e deve ser.

Mas, isto que mais profunda e propriamente se espera é o que desde sempre se tem designado pelo nome de *salvação*.

Quando falamos de salvação não se deve pensar em algo especificamente “pastoral”, restrito à Teologia (à Teologia dos Novíssimos), alheio à vida de todos os dias. Não, o sentido é totalmente concreto e real: o ser da salvação e o ser-emp plenitude indicam a decisiva e mais profunda satisfação, a posse daquilo que importa para o êxito – não o êxito neste ou naquele particular aspecto, mas o êxito definitivo, que afeta a totalidade da existência, êxito enquanto ser humano. Mas isto – que no sentido mais próprio se espera – pode permanecer intacto e incólume mesmo que se frustrate a esperança de paz no mundo, ou a esperança de felicidade nos aspectos exteriores da existência. Mesmo nestes casos pode o homem continuar a esperar no êxito definitivo que se chama salvação: ainda que esteja, talvez, mergulhado em lágrimas e imerso num mar de sofrimentos, pode ele, no entanto, manter firme e imperturbável a esperança definitiva que se refere à totalidade da existência. E ninguém pode negar que isto se dê, ao menos como possibilidade humana.

Tudo isso significa que se deve ter em conta o fato de que o homem que espera com a esperança decisiva, e firmemente a cultiva, apresenta-se de modo diverso daquele que comumente chamamos de otimista.

As palavras *otimismo* e *pessimismo* são impróprias para designar o que se expressa com *esperança* e *desespero*. A verdadeira esperança, a esperança na salvação (que, só ela, é o puro, simples e profundo esperar humano) pode muito bem conviver não só com variados pessimismos, mas até mesmo com variados desesperos, que se situam, por assim dizer, mais na superfície do ser humano, sem nenhum significado definitivo.

Por outro lado, o desespero (no singular, o puro e simples), que consiste em que a pessoa afasta de si a esperança de salvação, pode também coexistir com diversos otimismo e esperanças, que igualmente permanecem na superfície da alma, sem nenhum alcance mais radical.

Destas considerações (tanto num caso como no outro) decorre algo que na verdade é um tanto inquietante: que não é de modo algum tarefa fácil distinguir – no nível radical e definitivo – quem tem esperança e quem é desesperado. E é possível neste ponto enganar-se também a si próprio.

III

Precisamente o desespero, ao que parece, tem, por assim dizer, uma certa tendência natural para se ligar aos otimismo superficiais, para gerá-los e disfarçar-se neles. O desespero, a definitiva recusa da esperança da salvação, permanece então encerrado no núcleo mais profundo do coração e não deixa escapar nenhum grito de dor, nem sequer para a própria consciência reflexiva. Pode até dar-se um virtuosismo nesta arte de mascarar o desespero. Os antigos desenvolveram todo um instrumental de conceitos e, por assim dizer, uma bateria de testes para rastrear tal desespero escondido e disfarçado. Com isto, aliás, o que lhes interessa não é desmascarar o próximo, o outro, mas sim dar nome a um perigo que a todos ameaça: o perigo de que a verdadeira forma do desespero (e, aliás, também da esperança) se torne invisível aos olhos da alma.

O que importa para os antigos é manter a consciência alerta para o fato de que possam se dar: um desespero à primeira vista escondido e uma esperança à primeira vista também escondida.

O filósofo dinamarquês Sören Kierkegaard, que quase como nenhum outro “bem sabia” de desespero, designou este desespero escondido (ou uma de suas formas) por “desespero da fraqueza”. O “desespero da fraqueza” consiste em que o homem não ousa ser ele mesmo; expressamente não quer ser ele próprio; resiste à exigência que acompanha a própria dignidade; e não anseia por aquele final feliz que estava preparado e previsto para ele.

Com estas reflexões, Kierkegaard situa-se plenamente na grande tradição de pensamento ocidental sobre o homem. Mas a dificuldade de reconhecer este “desespero da fraqueza” reside, como dizíamos, no fato de que, neste caso, é no íntimo de sua alma que o homem está em desacordo consigo mesmo; no fato de que ele perdeu a capacidade de habitar em si mesmo, e é compelido a buscar uma ruptura para escapar de si próprio: por exemplo no febril ativismo do trabalho pelo trabalho ou também no ensurdecimento de uma insaciável curiosidade (de um ver que não busca de modo algum conhecer a realidade, mas somente a possibilidade de fugir de si mesmo).

E todas essas formas de desesperada evasão de si costumam, como todo mundo sabe, enfeitar-se com um grande aparato de otimismo forçado, apregoando segurança, proclamando entusiasticamente a fé no progresso e assim por diante. Numa palavra: camuflada de esperança. Mas, naturalmente, o que se esconde por trás de tudo isso é o puro e simples desespero da salvação.

IV

Mas não somente há um desespero que não é fácil de identificar como tal; há também, e principalmente, uma esperança que ao olhar superficial pode parecer desespero, ainda que, na realidade, seja a esperança em sua forma mais triunfal. Não se pode ter uma adequada concepção da esperança sem ao mesmo tempo pensar em como está arranjado historicamente o mundo humano. Este mundo está estruturado de tal forma que nele, como todos podem experimentar, o mal tem poder; um poder que pode até mesmo manifestar-se como supremo. É de Agostinho a observação de que o próprio fato da necessidade da fortaleza existir como virtude é já uma prova do poder e da existência do mal no mundo.

Ora, a figura-símbolo que representa a essência da fortaleza não é a do musculoso herói revestido de armas, mas sim a daquele que dá o testemunho de sangue, o mártir, o homem que se deixa matar pela verdade e pela justiça. E é do mártir e de sua esperança que falamos aqui. Para o homem na situação de martírio não há, falando a modo terreno, nenhuma esperança. Ele está, como se costuma dizer, pura

e simplesmente perdido, numa situação desesperada, defende uma posição perdida. Ele está indefeso e entregue ao poder do mal: qualquer otimismo tornou-se completamente sem sentido e suas forças naturais de luta reduziram-se a mãos literalmente atadas. E, no entanto, o martírio é simplesmente impensável sem uma força praticamente invencível de esperança. Uma força, contudo, tão bem escondida que quase se torna invisível, talvez até mesmo para a consciência reflexiva do próprio mártir.

No entanto, repetimos, o martírio é inconcebível sem a inabalável confiança em que, apesar de tudo, não só permanece intacto o verdadeiro êxito da existência como um todo, como também em que esse êxito é realizado precisamente na morte testemunhal e por meio dela.

Não é possível perguntar mais a fundo sobre a essência da esperança do que indagando sobre a esperança daquele que enfrenta a situação de martírio: não há ninguém no mundo cuja esperança experimente uma prova mais implacável do que a do mártir. Ninguém pode saber mais profundamente do que ele o que significa não só dizer e pensar, mas ter e alimentar esperança.

Sim, é certo que estes que conhecem a esperança estão emudecidos ante a morte ou se calam. Mas também é certo que o saber do testemunho da verdade entra a fazer parte do patrimônio da memória humana. E devemos tocar neste ponto porque aí precisamente encontramos uma nova informação sobre a essência da esperança: se por natureza a esperança fosse tal que não pudesse suportar a situação do martírio, então não se daria, em última instância, esperança alguma; não haveria nenhuma razão para a esperança, isto é, não existiria aquele “êxito decisivo” da existência humana que desde sempre tem sido denominado salvação.

Neste caso a vida seria sem salvação e sem esperança.

V

A esperança, falando em linguagem cristã, é uma virtude teologal. Esta é uma milenar formulação do tesouro dos antigos. Mas, o que se diz, o que se quer dizer com isto? Vale a pena penetrar aí? Bem, devo dizer inicialmente que neste campo (quando falamos do que atinge o fundamento da existência: esperança, amor, graça, felicidade, morte) a originalidade de um sujeito individual significa muito pouco e carece de interesse, no caso, uma formulação brilhante mais ou menos elegante.

Por outro lado, a sabedoria dos antigos revela frequentemente um rosto jovem quando nos dispomos a meditá-la com suficiente resolução. Pois bem, os antigos dizem: a esperança é uma virtude teologal. *Virtude*, também esta é uma palavra fora de moda. Mas virtude significa o mesmo que “estar certo enquanto homem”, por exemplo: ser justo, forte, administrar na medida certa os próprios impulsos vitais. Destas virtudes (da justiça, fortaleza, temperança) nunca se afirmou serem virtudes teologais. Qual é a peculiaridade da esperança? Em que reside a diferença em relação à justiça, à fortaleza ou à temperança? A diferença está em que nós pelas nossas forças naturais podemos ser justos, fortes e temperantes; e com isto usamos e realizamos nossas próprias capacidades para conviver justamente com os outros, para resistir ao mal, para controlar retamente nossos instintos. A esperança (a singular, a decisiva) porém, difere das virtudes naturais em dois pontos: em primeiro lugar, ela se dirige a uma salvação que se situa fora de nosso horizonte natural. E o segundo ponto é ainda mais importante: a esperança é um dom, isto é: este poder que se mostra na esperança da salvação não se dá em nós de nascença, nem decorre das próprias forças naturais.

Estes dois pontos – que a esperança esteja acima do âmbito da existência corpórea, que ultrapasse o homem presente e que essa superação seja um dom –

pertencem ao núcleo primitivo da tradição sapiencial humana, também a pré-cristã e extra-cristã. Por exemplo, Platão, o grande grego pré-cristão, afirmou muito claramente que a esperança de retorno à forma originária de salvação se liga às condições da iniciação nos mistérios.

Quem não quer reconhecer ou pensa que não pode crer que o homem viva estavelmente no âmbito luminoso de uma realidade sobre-humana e que possa obter dela conhecimento, orientação, força e, finalmente, salvação; esse não conseguiria de modo algum elucidar e manter na consciência a essência da esperança humana. Mas aquele que, pelo contrário, for atingido por essa realidade sobre-humana ver-se-á sempre de novo intimado a ter continuamente diante dos olhos a realidade, a sólida realidade da esperança da salvação. Pois a força para não desesperar é uma realidade empírica que se justifica muito claramente: não se trata de modo algum de entusiasmo religioso, mas da capacidade – mesmo em meio de catástrofes – de estar certo do “final feliz”, do êxito definitivo da própria existência como um todo, que, aliás, só nos é dado em participação quando nos abrimos à ação divina.

VI

A esperança humana, a esperança no definitivo final feliz, tem não só um adversário mas dois: não só o desespero, mas também a presunção (*Vermessenheit*, uma palavra um tanto fora de moda). Muito mais significativo do que o vocábulo alemão é o latino: *praesumptio*, literalmente “tomar antes”, “antecipação”, antecipação da plenitude. De resto, também o desespero é, no fundo, uma antecipação: a antecipação da não-plenitude. Isto é o que diferencia o desespero da desilusão. A desilusão de uma esperança – o que naturalmente pode dar-se todos os dias – repousa sobre uma experiência: o que esperávamos não ocorreu ou aconteceu algo que destrói ou faz desmoronar esta ou aquela esperança. A desilusão se refere a algo passado, enquanto o desespero olha para o futuro. O desesperado diz: – Não haverá final feliz, não há salvação.

E assim, o desespero é também uma antecipação – exatamente como a presunção! Ambos são formas de falta de esperança. E ambos, a presunção e o desespero, tornam rígido o que há de propriamente humano, levam-no por assim dizer a um bloqueio; enquanto a esperança – e só ela – pode manter em movimento, em fluxo dinâmico, o que é verdadeiramente humano. O desespero e a presunção têm em comum o não aceitar que o homem por natureza – em sua condição histórico-terrena – seja *viator*, caminhante, alguém que está num caminho a caminho. Deve-se entender de modo totalmente realista o que estamos dizendo, para que a realidade em questão não fique nublada por uma terminologia melodramática. A realidade que simplesmente pertence à condição do homem histórico: por um lado, estar orientado e dirigido para a realização, para aquela profunda e última satisfação, para a definitiva saciedade; e, por outro lado, ainda não ter o que, no entanto, realmente está preparado para ele.

O “ainda não” designa com precisão a estrutura íntima de nossa existência terrena. E precisamente esta estrutura é negada e ignorada tanto pelo desespero como pela presunção. No fundo, a presunção é uma precipitação e falsa esperança. A palavra presunção parece ter um tom decidido e titânico, mas isto é enganoso pois na presunção nada há de heróico: ela é simplesmente a rendição a uma necessidade de segurança demasiadamente humana, uma incapacidade de sustentar a tensão de estar a caminho.

Com isto, podemos de novo ver e nomear a essência da esperança. O homem é, enquanto criatura, um ser-que-se-torna, alguém que, até o umbral da morte, está a caminho: o fim, a salvação, “ainda não” foi atingido. “Ainda não”: isto é sem dúvida

menos do que a realização definitiva, mas, certamente, também é mais do que um puro “não”. E para o homem que experimenta e aceita a realidade do “ainda não” da própria existência só há uma resposta adequada: a esperança, pela qual ele se compromete e se afirma como aquilo que realmente ele é: criatura, criado por Deus!

Recebido para publicação em 29-08-22; aceito em 17-09-22